

BEATRIZ ROCHA

*O PARQUE DE
DIVERSÕES*

869.301
R 6728

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

13005615

O PARQUE DE DIVERSÕES

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERNACIONAIS	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
267	22/6/56

HAVIA certas coisas que ela só se atrevia a pensar muito escondida, muito sôzinha naquele canto de quarto que parecia encerrá-la e onde se sentia tão bem protegida, tão bem... Como diria? Tão bem encaixada como aquêlê gavetão na cômoda. E parecia que tudo em volta se destacava, se chegava até ela, a estante pesada inclinava-se atenta para não perder uma só sílaba, a cadeira estática — terrivelmente parada — como alguém que tivesse recebido um choque medonho, a pequena penteadeira com todos os seus bibelôs risonhos, animava-a de longe, os babados floridos e trêmulos rodeando-a. Oh, sim, êles sabiam que Carmen “tinha muita coisa”... Muita coisa que você não sabe, “ouveu, Cacilda?” Mas Cacilda permaneceu quieta e pensativa, segurando a raquete estendida na grama, bem na frente do abajur. Entre caixilhos dourados sorria. Mas, que lhe importavam aquelas recordações, ela também — não reparara então no seu ar misterioso, muito longe? — tinha tanta coisa que Carmen não sabia. Sim, é certo, e Cacilda foi-se aproximando, se chegando para perto dela com um culote muito justo e dizendo: “Nós somos muito parecidas...” E a cara inchada da tia Avelina balançando a cabeça como se achasse aquilo muito natural, muito certo. Era a pura verdade, pois tudo não parecia ser assim? Ora, também de que adiantava falar à tia, apresentar as mais “sábias explicações?” Só conseguiria uns olhos muito abertos, tal qual o Osvaldinho quando se contava uma história de assombração. Mas seria tão bom, tão bom mesmo conversar com a tia daquela maneira, exatamente

como Carmen gostava de dizer as coisas. Seria maravilhoso para ela, para a tia, porque... Mas por que? E um piano muito distante, fraco como um gemido abafado, foi como uma resposta vaga e indecisa que subisse por aquêles galhos secos e retorcidos que riscavam o céu. Um pedaço daquela profundeza de céu que nos traz, às vêzes, uma sensação angustiante de algo sôlto por aí, a rolar sem um ponto de apoio. Mas tôdas essas reflexões depois que deixara a mesa de pratos fumegando, tilintar de colheres e campainhazinha de metal dourado, não nasciam prôpriamente dêste momento. Carmen sabia, vinham de mais longe, surgiam confusas, no meio daquele parque com suas barracas e as lâmpadas suspensas nos fios dos postes. Oh, sim, vinham de lá, com aquêlo toque particular, dado pela hora, pelas luzes ou ainda pela música que o envolvia. O parque era de onde vinham seus pensamentos, o parque onde encontrara Cacilda, sua amiga que agora talvez estivesse lá entre rostos que surgiam fantásticos como os quadros de Jorge, com uma luz sobrenatural a envolvê-los. E um abandono completo a tudo que caminhava para ela, Carmen surgia. Por que não haveriam de andar na roda gigante? Aquela mesma da estrêla muito grande de lâmpadazinhas acesas à sua volta. Dir-se-ia uma reprodução exata das que piscavam sôltas lá no alto, tão pequeninas. Depois as cadeirinhas trêmulas como trapézios de circo a que ela se apoiasse hesitante como uma novata. Não sabia, não podia dizer mesmo o que a decidira, mas era bem verdade que se encontrava ali sentada e como voltar atrás? Levavam-na. Para onde? Oh, cada vez mais perto daquele alto-falante apoiado no muro, sim, logo na entrada e onde rouquejava a voz de um locutor. E lá no fim, na massa escura que carregava os telhados, as casas e as árvores magras para o céu, dois olhos muito pesados, muito fixos, pareciam mirá-la, trespassá-la como dois cabos gelados. E ela levou um susto ao passar pelo homenzinho de cabeça achatada que girava uma manivela enorme, e ao mesmo tempo um tal alívio! No seu

rosto aquêlo bafo quente, quente e confortador como se com êle fôsse reconduzida à vida. Ela existia realmente. Não, não era preciso se apalpar. Ela se encontrava lá verdadeiramente, assim como as centenas de criaturas que se moviam naquele lugar, que se sentavam em grupos, que também seguiam isoladas como se procurassem alguém entre tantos que pareciam evitar. Umas mocinhas de luvas de tricô na barraca da boneca rosada e de chapelão... Espere, aquela era a loura de permanente... De permanente e "sweater" listrada, sim, a mesma que dissera bem alto para Carmen e ela ouvirem: "Que é que nós temos na cara, heim?" Carmen ficara surpreendida, paralisada como a cadeira de balanço que recebera um choque brusco. Também, porque ela as olhara com aquêlo ar de quem está criticando alguma coisa ou rindo sem necessidade? Mania tinha de se perder em rostos. Assim como se forçasse os outros a uma confissão. E pronto, ficara tal qual a garôta de que a mãe puxara as orelhas em público. Podia ser mesmo aquela, a do laço vermelho e pernas fininhas que passava entre os bancos de madeira onde senhoras gordas e bem agasalhadas se sentavam. As senhoras que pareciam embalar, suavemente saudosas, as cabeças ao ritmo daquela valsa. As notas se escapavam da bôca quadrada e escura e se misturavam pelo parque, nos passos, nos gestos da gente jovem que percorria as barracas, rodeavam o tablado maior, o do centro, onde automôveizinhos se davam trancos e rangiam nos trilhos. Jovens que se ofereciam com sorrisos e olhares, mas quando alguém mais ousado delas se acercava — aí as fingidinhas — se encolhiam com gritinhos de susto como se tivesse surgido na sua frente uma dessas figuras horrendas de conto de fada. E iam-se confundir na outra extremidade do parque, onde aviõezinhos corriam em círculo e raspavam as asas no vento.

Ela nem reparara, mas agora podia notar, entre outros edifícios iluminados, uma luz que vinha — tinha a certeza — de sua casa. Ah, a sua casa vestida daquele manto escuro

e deixando sòmente uma luz que parecia expedir uma mensagem que ela não conseguia compreender. E descia do morro, atravessava a rua, passava por cima do alto-falante. Algo de secreto, só para ela. Uma corrente invisível que não a deixava em completa liberdade ali. E trazia também a tia até ela. A tia de cara inchada, rindo, de cabelo cheio de papelotes. (O que era mesmo que ela não podia compreender?).

— “Olha, qual é a moça hoje em dia que não gosta de festas e passeios? E ainda por cima o gesto de censura, tão sombrio. O que a tia não sabia nem ela mesmo, Carmen, poderia entender se tentasse explicar. O motivo, talvez o quase único motivo pelo qual se via tentada a percorrer ruas e andar como aquêlê dia no parque, no meio de gente que se estendia pelo chão em sombras, sombras que se misturavam a todos e postes de madeira; o motivo talvez fôsse aquela necessidade de alheamento aquela evasão e uma entrega ao mistério que anda nas coisas em liberdade e mora permanentemente na infância. E era levada até aquêlê parque, de um lado para o outro, valsando ao som daquelas notas sôltas pelo alto-falante no frio da noite que ia crescendo. “Ah, perdão, mas foi o senhor que errou o passo, não sabe que é preciso seguir o compasso?” E o velho inclinou-se como se pisasse um chão encerado e fôsse convidar alguém para uma valsa. Ora, mas tudo estava terminado, é verdade, ela não queria dançar e tinha raiva da tia. Da tia que usava um avental horrível para cozinhar e achava Nilda tão educada, tão perfeita. Nilda, sua mana mais velha, o vestido de estampado num adeus prolongado e cansado para o marido de rosto indiferente que usava umas costeletas imperdoáveis. Carmen o vê sair todos os dias e sabe que Nilda ficará um tempão sem vê-lo, sem dar uns tapinhos carinhosos no rosto calmo, indiferente... E a vida era uma coisa muito má, deixava Nilda sôzinha, longe do marido; Nilda tranqüila, cozinhando, costurando. Nilda “perfeita”.

Sentiu no rosto um braço de vento muito leve que se foi afastando indeciso, levando papéis, programas de cinema, sacos de pipocas... Enquanto prosseguiam os gritos e a confusão dos automòveizinhos que faziam barulho misturavam a muitas risadas, falatórios e à voz de um homenzinho que avançava com um embrulho no braço, cantando uma melodia que nada tinha a ver com a do alto-falante.

Mas, o motivo, sim, onde estaria o motivo real de tudo aquilo? Em cada movimento de planta, em cada gesto... Oh, céus, porque aquêlê ar de criança abandonada naqueles cantos, na gente amontoada que discute e sorri? Um mesmo isolamento, a mesma melancolia de quem se despede para sempre. Porque cada um encerrava a sua vida — como ela — cada qual escondia coisas só dêles e temia vê-las descobertas. Sim, o senhor com aquela manta e calvo (então não percebera por baixo do chapéu?). Pois êle não dizia — isto ela podia asseverar — não contava tudo, tudo para a senhora de capa de crochê, igual à tia. A velhota parecia dizer num sorriso: Ah, se não fôsse a sua conversa há muito estaria do outro lado da calçada”. E seria possível que êle não percebesse que ela já se dirigia para o portão de saída e isto com muita pressa pois as crianças... Aquelas de blusão e nariz avermelhado pelo frio. E não era que precisaria chamá-las de novo? Haviam se escapulado, se chegado aos pulos e gritos de outros garotos que saltavam do carrossel. Ai, que aquelas horas não podiam de maneira alguma terminar assim de um momento para o outro. Passavam aos encontrões pelos pretinhos que surgiam à frente, os sapatos engraxados pisando o chão batido e olhavam depois, logo adiante, o homem do tiro ao alvo endireitando as garrafas de mira. Enquanto as primeiras garrafas caíam o relógio soltou as onze pancadas de uma noite que se ia embora sem que a pudesse deter. O relógio do colégio das freiras alcançou o parque que se esvaziava.

Mas Carmen não tinha ninguém, podia andar à-toa, sem precipitar-se, sem procurar alguém. Sòzinha como o velho parque quando estivesse deserto, vazio. E apesar de tudo, havia tanto, tanto para dizer. . .” “Porque não contas, não falas?” As coisas deveriam sair, não ficar guardadas como os vestidos em armários enormes que não se abrem e criam môfo. Porque ela mesma não se detinha diante de alguém e o obrigava a ouvir uma porção de coisas? Mas, passava por aquêles rostos de repente perfeitamente estranhos, indiferentes.

E o parque, onde estava agora? Êle se fôra distanciando como algo fugitivo que não pudemos reter. Carmen chegou-se à janela, olhou o céu carregado, a escadinha lá na entrada, comprida e cheia de fôlhas sêcas, a rua estreita, de casas fechadas indo terminar bem distante. Oh, o parque, ficara naquele canto, projetado no escuro. Aquêles pontos luminosos e musicados, de formas movediças que se destacavam no muro, se mexiam e paravam. Pedacos de toldos de barracas mais altas surgidos aqui e ali. E as lâmpadazinhas da roda gigante se tinham dissolvido uma nas outras e eram agora apenas umas tiras faiscantes que giravam tal qual um realejo ao compasso de uma valsa arrastada e triste.

A FOGUEIRA

FICARA ali no escuro, deitada. Um corpo metade escondido em cobertores felpudos, leves e claros. A bailarina da folhinha cobria o corpo com dois leques de plumas também felpudos, leves e claros. E ela esticou os braços num suspiro, cerrou os olhos feliz, feliz naquele suave agasalho. Como alguém que flutuasse no ar em movimentos lentos, em rodopios vagos. Era uma grande atriz, percorreria o mundo a dançar volteando os dois leques de plumas ao redor do corpo. E inclinaria muito vagarosa a cabeça, tôda ela levemente curvada, os braços erguidos para a frente, como se oferecesse um punhado de flores para algo desconhecido. E pensaria neste momento: Meu Deus, agora todo mundo sabe que eu existo! E mamãe estaria lá, os olhos molhados, cabelos presos e não falaria com ela nunca mais, nunca mais de uma maneira... Como a daquela noite por exemplo. Ah, aquela noite. Tudo era mentira, sim. Não era atriz nenhuma e a mãe falaria sempre e sempre daquela maneira. Não dançaria nunca. Estava ali deitada, um corpo metade escondido nos cobertores amassados — quietos e brancos. Só os braços nus, estendidos, jogados.

Tudo poderia ser melhor se ela não tivesse que obedecer tanto. Aquela noite teria sido maravilhosa, ela não teria em absoluto terminado daquele jeito, com uma sensação de vazio e tristeza, tão sem encanto. E a noite de céu tão claro, tão sossegado iria se perder com muitas outras. Nada mais restava dos risos e gritos das crianças. Tudo se desfizera com a fumaça da fogueira. Tudo perdido, tudo. E a fogueira já

não lançava mais à sua volta pedacinhos chamuscados, em estouros que assustavam, provocavam corridinhas, gritos e abraços. Chamas que se erguiam, traziam calor, uma luz. Oh, as chamas possuindo a todos ali, um por um. E qualquer coisa de dourado e vermelho a correr nos cabelos, no rosto, nas mãos, a atrair, a prender inteirinhos dentro de clarões quentes e coloridos.

Ali estavam belos — completamente possuídos pelas chamas — Mafalda e Agildo e muitos outros que passavam a correr, esticando para o alto os braços, que se tornavam quase transparentes. Neste instante ela correrá, largará-se da mãe e aos pulinhos, nervosa, agitada encheu-se do mesmo brilho que transformava a todos e os fazia tão queridos. Neste mesmo instante dona Clara soltou um gritinho e tapou com as mãos enluvadas a boca bem pintada. Duas pernas gorduchas passavam por ela, saltaram no ar e desapareceram, tornaram-se somente como tantas outras formas, vagas e saltitantes de um lado para o outro.

Quase que se não precisavam daqueles agasalhos. E se todos dormissem ali em volta, cheios de claridade e calor? Que maravilha, como nas histórias que Mafalda lia. Eles se esticariam no chão a conversar, ou caladas e sérias a olhar o fogo que subia rápido, que se perdia em rolos de fumaça e como fantasmas se desfaziam além. E os estalos sempre iguais, sempre iguais seriam como música de ritmo crepitando, elevado. Como era mesmo o céu dos livros de Mafalda? Sempre tão belos, tão azuis. Mas por certo tão diferentes daquele que ela via. Sim, devia ser outro. Verdade, ninguém tinha também mamãe para zangar e aquelas senhoras muito sérias com sobranceiras que se fechavam para dizer que era perigoso. Os lábios da mãe, das amigas, tremiam por vezes em sorrisos pálidos, curtos, sorrisos que os olhos não acompanhavam eram sombrios, distantes.

Estava irritada com tudo aquilo. Então melhor seria que não a tivessem deixado vir. Não podia pular a fogueira, nem soltar as bombas que Mafalda lhe dera e que permaneciam escondidas no bolso do casaco. Não podia... Nada, absolutamente nada. Todos em volta. Só ela agarrada na mãe. Mão prisioneira em outra mão.

Ernesto era só uma mancha branca, curvada, parada. Depois ele se agitou levemente e trouxe nas mãos um brilho, uma luz amarela e silenciosa. O balão prês, rodeado pelas mãos das crianças que riam e se retorciam, o balão engordava, crescia, tomava forma. Ernesto caiu por instantes na sombra, por instantes somente, e uma voz veio com o brilho das mãos — apressada, gritante, a voz dele. Ela sentiu um suor que vinha das mãos, dela e da mãe. Todos os risos pararam com os corpos que não se retorciam mais. Havia qualquer coisa de solene. Ali, o balão escondia outra fogueira, palpitante, sem estouros, sem espalhafatos. Pouco a pouco desprendera-se de todos — só das mãos de Ernesto levou a luz amarela e silenciosa que ia deixando deslizarem apressadas no ar pequeninas gotas trêmulas e pesadas.

Não é lindo? Gritou Agildo no ouvido dela — Igualzinho àquela pipa de chope. E se afastou de novo a correr. Com as pernas compridas e magras deu um pontapé no caixote virado no ar e novamente a senhora enluvada soltou um gritinho levando a mão à boca. O caixote revirou-se e rolando foi de encontro ao banquinho onde estava o senhor calvo que calçava e descalçava umas luvas. Mamãe apertou a mão dela com força e as senhoras de rostos na sombra, frios, parados, seguiam com os olhos, com os olhos somente.

Todos bateram palmas e permaneceram de rostos para o alto, brilhantes, ansiosos. Seguiam o balão que acabara de passar por entre árvores compridas e nuas. Depois os fios... E o balão encontrou-se em segurança, firme afastando-se sempre. O pai, os manos, correram, se juntaram, riscaram

fósforos e lançando os braços para o alto, o céu clareava, prateava-se, rompia em estouros. Uma das senhoras virou-se para mamãe — Imagine que deixei a sopa no fogo. E riu misteriosa como se fôsse confessar um segredo — Estou é louca para terminarem com isto numa vez. E se recostava no banco de ferro. Tudo isto é muito cansativo, muito cansativo, dizia a voz baixinho. Mas ela já não prestava atenção. Só o balão existia, um arco faiscante, firme, levado no céu. Teve vontade de pular como as outras meninas. De correr com Agildo, dar uns pontapés no caixote rolado no chão, ser também possuída pelas chamas coloridas. Fazer tudo, tudo o que êles faziam. Ah, mas e as mãos que não a deixavam? Para que existiam mãos que seguravam e prendiam os outros para sempre? Por que, por que a mãe não era como as outras ali? Bem que ouvira o que disseram os rostos voltados para ela “Coitadinha, deixe ela, só um pouco”. A mãe fixara um ponto distante, respondera devagar, estranha. “Não, ainda tenho medo”.

As primas chegaram de repente, de mãos dadas gritavam e pulavam, com o vento nos cabelos curtos, nos vestidos rodados. Não gostava delas. Vinham com o verão para a casa em frente... Ah, a casa de sobrado! Podia vê-la a passear e a brincar por entre as árvores gigantes, velhas e descascadas. Um dia espiara do muro os quartos vazios de móveis, de quadros, de gente. Só as janelas abertas. E a voz do jardineiro que chegava de repente, a soar cheia de modulações estranhas que as paredes pareciam repetir. E ela saía a correr assustada.

Nestes rostos que se juntavam à sua frente havia também aquêto toque vermelho e dourado que a fogueira enviava. E dos rostos vinham perguntas e uns olhos que examinam dos cabelos ao vestido, até os sapatos. Tinha a certeza que os sapatos dela causaram má impressão. Quando o creme de chocolate começou a correr no canto da boca, elas se puseram a rir, dedos fininhos e pálidos apontaram a gola do vestido,

da blusa dela. A mais velha se levantou, os braços se erguendo em pôse mostraram um vestido vaporoso, enfeitado de laços e branco... Branco, limpo, sem manchas de chocolate. Mas uma moça de cabelos ondulados presos por uma fita olhara para ela sorrindo e sempre pálida, sempre sorrindo foi se chegando. Neste instante sentiu um perfume suave, o mesmo perfume quando foi abraçada no alto da escada ao chegar. O perfume talvez viesse das mãos ou do lenço trazido por elas.

Mamãe podia ser assim, ter as mãos macias que acariciavam o seu rosto. Devagarinho, delicadamente. E ela sentiu uma alegria enorme, o coração palpitante, o rosto queimado. Não via a moça, os olhos não se desgrudavam do pratinho com restos do creme escuro e derretido. Mas sentiu aquelas mãos, as mãos levando e trazendo um perfume fresco e penetrante. As mãos lembrando sorrisos, a palidez, a quietude de alguém. Sim, nunca sentira isto, nem imaginara que se pudesse sentir assim.

Durara uns segundos, uns segundos, nada mais. E naquele momento seria capaz de jurar... Seria capaz de jurar tanta e tanta coisa. Sim, uns segundos somente. Depois a mãe a surgir. Dentro do casaco preto, curto, justinho, num corpo comprido e seco. Na cabeça o chapéu pequenino, também preto, a lembrar enterros, missas longas e tristes.

E ela era lançada fora da noite. Da noite que guardava calor, luz, o brilho vermelho e dourado. Das chamas... Sim, existiam as chamas sobretudo, a permanecer no rosto, nos cabelos... Nos cabelos da moça, na fita caída em pontas, descuidadas a esvoaçar com o vento, sempre com o vento. Que trazia cheiro de mato, umedecido, refrescante. Tal qual o sorriso dela, pálida e quieta. A moça, mais um vulto, quase só mãos, a lançar adeuses. E o vento, o vento, a espalhar os adeuses e o perfume também vindo das mãos.

CHUVA

OLHOU para fora, para a chuva e teve medo. Chuva caindo sempre igual, num barulho surdo, brilhante. Barulho de chuva que guardava, escondia segredos de casas, de árvores, de gente.

Márcia estaria sòzinha, acordada. Esperava o dia, esperava alguém, esperava, o que? E nenhuma luz, nenhum som — nada! — além da chuva. Tudo aquilo era de tal modo detestável. Coisa que ninguém sabia. Sòmente ela muito quieta, muito só naquela espera, naquele não acabar pela madrugada afora.

E na manhã que surgiria, surgiria também a necessidade daquele encontro. Uma necessidade criada por ela, criada pela vida... Lá estaria um rosto à janela, o mesmo rosto untado de creme, o turbante colorido na cabeça. Uma cabeça que surgia por instantes sem pressas, sem perguntas. Depois um "Ah!", quase num alívio, num recolhimento. O rosto desaparecia num susto, num movimento de pés e tornava a aparecer desta vez pela porta que se abria sem ruído, como num sonho. E depressa o cheiro de água de colônia que vinha de um colo branco e macio. Oh, podia mesmo sentir tôda a maciez, tôda a frescura daquele pedaço de carne aparecendo de entre o roupão aberto. Tudo ali era fresco, quase frio — desde os móveis pesados e escuros, os cristais coloridos transparentes até as mãos da prima que apertavam o pescoço dela, distraídas e compridas. No quarto a veneziana fechada abafando sons de vitrola — que de repente emudeceu — e

— Roberto lê de noite, até tarde. Ou então coloca estas xaropadas na vitrola. De uma estante isolada pegou um disco ao acaso, “La valse” — Está vendo? Só dá Ravel, Debussy ou então Bach, Beethoven e sei mais quem! A prima passara um “rouge” esquisito, e em todo o seu rosto um tom arroxeadado, impressionante! Quando parou embaixo da luz grande da sala e virou-se para ela muito séria, teve a sensação angustiante de que ia ouvir um segredo, um segredo terrível. Mas não, tudo passara. Luciola abriu a porta, a luz da sala sumira com a notícia estranha, e as duas se encontraram na rua.

Novamente os desejos, os desejos absurdos. Correria para a outra, diria tudo. Tudo era falso, medonho. Luciola segurava a sua mão, olhava-a, estudava-a. — Já pensou em se casar? — Não, acho que não. O rosto da outra continuava frente à frente com ela. Ia perguntar qualquer coisa, qualquer outra coisa. Mas ficou calada, num riso ligeiro desviara o olhar, apressara o passo. Ela a seu lado, sem pressa, temendo perguntas, querendo sair delas. A primeira ficara bela assim de perfil. O rosto levantado já não continha tragédias.

Lembrava-se do dia em que saíram juntas, com aquela chuva miúda caindo sempre, sem parar. Eram punhadinhos de ciscos muito leves que estremeciam no alto, no ar, em pedaços de luz saída dos postes da rua, já acesos. A outra a falar em vestidos, parava em vitrines, puxava-a pelo braço. E as vitrines iam destacando pedaços delas, marcando formas, pernas, sorrisos, o vestido quadriculado de Luciola. Nos rostos a umidade da chuva, dos punhadinhos de ciscos. Quase tocaram o vidro com o nariz. Um senhor gordo e alto chegou-se em passos silenciosos, sorrindo, uma cabeça calva, avermelhada, indo e vindo em cumprimentos. Levando-as para dentro. Para as pilhas de caixas arranjadas aqui e ali, onde um grupo de caixeiros conversavam baixinho, riam baixinho. De repente todos se separaram, arrumaram sapatos espalha-

dos, fecharam caixas. Um deles pegou um espanador, passou descuidado, ligeiro, numa cadeira, enquanto olhava para elas, depois suas mãos se juntaram, apertaram o espanador colorido de encontro ao peito, e permaneceu assim, os olhos sempre fixos, fixos nelas. Ali dentro o barulho da chuva era fraco, distante. Haviam as poltronas macias — tão macias — e sob os pés o tapete fôfo, de um vermelho vivo, onde riscas brancas se arredondavam, se entrelaçavam, se confundiam. Tudo morno, sêco, fôfo. Sim, e elas iam se afundando, junto com o senhor calvo, os caixeiros que falavam baixinho, as filas de caixas dispostas ali em frente.

Neste instante o guarda-chuva começou a pingar num canto de chão descoberto e logo aquêlo caixeiro que apertara no peito o espanador veio apressado e carregou-o com as mãos esbranquiçadas e ossudas.

Encostara-se então à mesinha, sentira o frio do mármore nos braços e a impressão de algo passando, se desprendendo dela suavemente, como alguém soltando um abraço. Onde estaria Luciola então? Através de montanhas, muito além, perdida na chuva? Que escondia, encobria, enbranquecia, primeiro as casas, as árvores até os postes negros e as pessoas que passavam e sumiam nas calçadas. Como naquela madrugada. Exatamente (Só não havia a prima. A voz gritante, para o senhor calvo, risonho, paciente).

E ela calada, calada e sentada. Como naquela madrugada. Exatamente.

Sentiu distâncias, um tempo que nunca parecera tão grande. A chuva fazendo as distâncias maiores, pesada, murmurante, tristonha, como multidão seguindo um entêrro. Oh, o seu entêrro! Não, ela não morrerá, não. Mas muitas coisas morreram, e a chuva levava, levava. Sim, muitas coisas morreram sem ela. Ela fôra mais forte e tinha que continuar. Ver morrer outras coisas, muitas outras coisas ainda.

Menos a voz, o corpo, os braços se abrindo em gestos. Sòmente lembranças, Luciola, uma imagem parada, um esbôço, sem contornos. E na corda a camisa branca — a dêle — como bandeira esquecida em dia de festa, trêmula com o vento.

O SEU DIA DE AULA

MAS seria mesmo possível tôda aquela confusão? Discussões em vozes altas, direitinho como se todos se encontrassem em qualquer esquina em um comício. Corridinhas de um lado para outro e até gritos que enchiam a sala dos fundos do colégio. Mas o que faziam os inspetores e o professor? E uma seta de papel passou, raspou pelo nariz dêle, e o professor que não aparecia! A seta de papel voou rápida e provocou risadas da turma a sua cara assustada. E lá se foi a terrível seta passar pela porta envidraçada entreaberta e atingir seu Tomás de chapéu de palha, curvado sôbre um canteiro. Oh!, céus, onde estamos nós? E a cara de seu Tomás levantada, avermelhada de sol. “Era o professor, seu Tomás, o professor que fôra chamado ao telefone e os deixara sôzinhos, Sôzinhos, compreendeu?” Naturalíssimo, portanto aquela algazarra. Em todo o seu mau humor lutava contra aquela alegria estúpida, aquela vontade de fazer graça. Será possível que ninguém compreendia, que ninguém procurasse compreender que dali a instantes ia ser resolvido algo de muito “sério” para êle? Se pudesse aproveitar aquêles minutos que o acaso lhe oferecia, se ao menos pudesse ter a ilusão de aproveitar. Por que não estudara, por que? E sentiu uma vontade louca de se deitar de bruços na carteira e chorar feito um nenê. Porque só agora aquilo se tornara tão terrível, tão... Ai, que êle acabaria se deitando na carteira e todos ali pulariam mais satisfeitos ainda e Dulce e Cremilda levantariam mais as saias tal qual umas coristas de teatro.

Mas êle poderia inventar alguma desculpa, sim, por exemplo... E algo passou, rápido como a seta de papel. Êle gaguejando qualquer desculpa, na sua mania idiota de estalar os dedos e o professor com um nariz de buldogue a responder. Depois as explicações em casa, a ameaça de um ano perdido... O professor acusando-o: "— Já sei, já sei. Fôste ao cinema".

Ê claro que não havia tempo. E agitava as pontas do lenço que sacudiam no ar um perfume muito forte. Talvez o Dr. Arnaldo de nada soubesse ainda. Como havia de saber que tinha ido ao cinema? Era mesmo quase impossível. Êle no meio de tanta gente, no escuro... Como eram diferentes as coisas na véspera. Êle, todo contente, rindo e comendo pipoca, sòzinho no meio de todo o pessoal, sem o professor sequer desconfiar, sem se lembrar de preparar o ponto... E foi neste instante, no momento exato em que amarrotava o saco de pipocas e o jogava no chão, que êle tomara conhecimento daquilo — exatamente isto — tomara conhecimento de alguma coisa que o possuía aos poucos, que o ia despertando vagarosamente como de um sono profundo. E o deixava atônito. E cada vez mais prêso àquela figura de mulher, a artista de olhos sempre tristes e úmidos. Advinhava o corpo claro, de formas avivadas pelo vestido negro e decotado. Mas ela nem sabia da existência dêle, daquele adolescente que a "descobrirá" na tela. Ah, que era mesmo preferível assim. Um rapazola de colégio que há pouco começara a se barbear. "Não, — diziam os olhos úmidos — não me podes tirar desta situação". E em breve as luzes se acenderiam, portas se abririam e todo o povo aglomerado ali, se espalharia pelas ruas, percorrendo o estranho e melancólico roteiro do regresso. Falando todos no filme, "nela"... Sim, talvez muitos "apaixonados" como êle. E muitos, também levando cada um consigo o rosto claro e triste, as mãos torcendo um lenço...

Uma gargalhada espocou de repente lá no fundo da sala de aula. "Olhem a caveira! A caveira com um cigarro na bôca!" Mas quem foi, quem tivera uma idéia tão cômica? E o movimento foi crescendo, crescendo. As garotas que levantavam as saias, faziam agora piruetas no ar, sacudiam os ombros. E tudo isso, com a porta que dava para o gabinete do diretor completamente escancarada. Talvez mesmo animando-os...

"Aproveitem, aproveitem, êle não está. Ah, porque não seria êle a permitir tamanho abuso. Por muito menos..." No dia em que o Carlos dera uma risada das suas que enchiam a sala tôda, o diretor chegara pequenino e irritadíssimo. Avançara pela porta da varanda, a veia da testa saltando, os olhos vermelhos. A mão fechada se levantava, descia sôbre a carteira, a caneta saltava, a tinta corria grosso. Pronto. O diretor era um dêses homenzinhos que guardava como numa garrafinha mágica, um gênio maligno, extremamente repulso. Só Mário e Gustavo sentados mais atrás, continuavam de braços cruzados, sem mêdo, pelo menos aparente... Eram os heróis que iam matar o "gigante". Eles estavam sempre assim. E da sabatina, tinham mêdo? Então Henrique estava pensando que tinham ido ao cinema! E pior, perder tempo em se apaixonar por atrizes. Sai, que êles sabiam bem o que tinham a fazer. Podiam passear... Pois no domingo mesmo, não iam ao piquenique? Era verdade, papai os convidara. Iam descer a serra. Chegar com o sol espalhado no grama-do, sentir o vento que vinha da cascata e agitava os vestidos de mamãe e Clotilde. Ia ser ótimo. Um dia inteiro no campo. Só uma coisa estragava, a missa cedinho. Mas, não sendo assim, mamãe se aborrecia e o passeio estava perdido. Apesar disto sentiu uma tentação de gritar bem alto: "Vai ser ótimo!" Olhou para os dois "heróis", meio risonhos, meio solenes. Oh, não sabiam que êle estava contente, muito contente? Gostaria de perguntar: "E vocês?..." Vontade de

perguntar tanta coisa!... O que é que iam levar, já sabiam? E todos sentados em volta da pedra grande, com a toalha de mamãe estendida por cima. A falar, a desembulhar pequenos pacotes. Lá em cima o céu que ia terminar na copa das árvores. Para a tardinha... Sim, era preciso também não se esquecer dos agasalhos. Sorriu pensando em mamãe em casa arrumando blusas de lã, luvas e chapéus. Voltariam com o céu se nublando. Sombras se agitando, crescendo nas árvores, engulindo plantas, o morro esfriando a pedra grande. Papai ia romper o silêncio dos que olhavam os últimos clarões do sol com um: "Vamos, pessoal!" E depois tudo depressa, o caminhão a levantar poeira pela estrada afora e a curva do morro barrento jogando para o fundo o riacho e as árvores copadas. E a imagem do gramado perdido muito longe, abandonado. Sòmente uns farelos de comida espalhados pelo vento, cobigados pelos pássaros. E acabou-se tudo no dia seguinte. Clotilde se atrasando na quitanda, mamãe fritando uns ovos, êle metendo a merenda na pasta e passando pela grade de ferro queimando de sol.

Mas até que tinha graça. Aquêles bonecos no quadro-negro rindo e escovando a careca. Sim, o Dr. Gomes exatinho. O papo, os olhos miúdos, até a verruga não fôra esquecida. Um clarão repentino caiu sôbre o quadro-negro que estremeceu. O clarão que viera com a porta envidraçada batendo com estrondo. Alguém fôra de encontro à porta. E tôda a classe estremeceu também. Era o novato, o de topête cheirando a vaselina. Êle segurava a régua grande, rindo meio amarelo. "Ai!" E coçava a cabeça dolorida, que doía sem dúvida. E um côro cresceu na sala: "Bem feito! Bem feito!" E batiam nas carteiras, se acompanhavam com palmas cadenciadas. E com a porta escancarada a repetir: "Aproveitem, êle não está".

Mas, o que conversavam aquêles dois, perto do mapa da Europa? O turquinho que gesticulava, punha a mão no

queixo, abria os braços num gesto largo. Depois, baixava mais a voz (agora não conseguia ouvir mais nada). Pareciam muito interessados, o outro principalmente. Arregalava os olhos, numa curiosidade que não tinha mais por onde. E a classe ficou meio parada, como hipnotizada por aquêles gestos e sussurros. Já agora se podia ouvir perfeitamente o tlic-tlic da tesoura cortando o capim, perto da varanda. E quando o turquinho misterioso meteu a mão na carteira, como que rebuscando e a retirou, todos deram gritinhos de susto "Como de quem?" Chegavam-se e se esbarravam, queriam pegar, pois não era igualzinho àqueles dos filmes em série? Aí, o mocinho mascarado que se dera por fim a conhecer. O turquinho de sobranceiras ralas, com marcas de bexiga no rosto, sorria todo importante. Então êles não sabiam, pois estava tão acostumado. E olhem, naquele instante mesmo, estava carregado — Meu Deus, sai, fica logo com isto. Era a loureira de olhos fundos. O revólver queimava-lhe como ferro em brasa nos dedos trêmulos. E a classe tôda paralisada num susto, como um grupo de soldados recebendo uma voz de comando. Uma porta bateu ao longe. Devia ser o inspetor, não podia deixar de ser. Era preciso cada qual encontrar o seu lugar. Um corre-corre muito rápido com trancos e risos nervosos. Seria necessário também uns rostos compenetrados. E, não se tinham esquecido de nada, estavam todos direitos? Cremilda puxou o laço da gravata e Rosinha cravou os olhos na porta do corredor sem coragem de apanhar o caderno caído no chão. Mas por que não vinham logo? Ao tlic-tlic da tesoura, mais forte, mais compassado se juntara o zum-zum das moscas na vidraça. E o ventinho invadindo a sala, brincando com a pauta do professor e a levantar as pontas do mapa na parede. Os rostos já menos agitados se entreolhavam, pescoços se esticavam. Ê, não era ninguém. Quem falaria primeiro? E novamente tentaram sorrisos, que pareciam dizer: não é formidável? não nos aconteceu nada!



E o engraçadinho, o do topête, falou da frente (misterioso no retângulo de sol, que avançou cuidadosamente pela carteira). Oh! Era o herói! Aquêlê pensamento foi repentino, imperioso. Como não pensara nisto antes?

Sim, era êle o herói. E algo de grave, de muito mais grave que a nota da sabatina ia depender dêle. Portanto quando êle falou Henrique sentiu que havia chegado o momento, o momento principal. Haveria aquêlê estampido, e tudo teria que terminar assim, com aquela dor fina e penetrante. Alguém chorava agarrado a êle? Em meio a uma confusão, um suor frio a escorrer no rosto, no corpo todo. Sim, tudo fazia parte, os vultos que se encontravam em frente, cabeças que inclinavam e o sol que continuava a avançar belo e quente. A iluminar uma porção de fôlhas úmidas e vagas que desapareceram com um brilho estranho. Mas Dulce e Cremilda não dançavam, por que? E êle continuava apaixonado pela artista de olhos tristes e com certeza ia ganhar — 0 — na sabatina. Fôste ao cinema. Fôste ao cinema... E a cara de buldogue crescia até êle. Que interessante. Via e ouvia tanta coisa... Então, não morrerá?! Não, não. E que tolice pensar numa coisa destas. Dali a pouco êle ia levantar-se, deixaria a tôda aquela gente. Ia atravessar ruas inteiras, passar pela praça de postes grandes e solenes que de noite se acendiam e pareciam em procissão. E o portãozinho de ferro ardendo no sol, ardendo muito...

Não, não. Porque iam tirá-lo dali? Êle não queria. Oh, onde escondiam o livro de História? Que bom que tudo passasse duma vez. E não haveria ninguém a explicar... Será que nunca mais ia chegar a hora de ir para casa? De arrumar a mala, de passar pela igrejinha fria, de muro descascado. Ouvindo a Ave-Maria, que subia muito suave, pelas palmeiras, perdendo-se nas nuvens, na calçada úmida. E as casas prêsas no escuro, dentro do ruço, com as venezianas deixando escapar fios de luz que se esticavam no asfalto.

Sim, êle estava contente. Não tinha morrido apesar dos gestos nervosos dos professôres e do silêncio pesado nas caras pálidas dos colegas. Contento, muito feliz a ouvir a Ave-Maria, com as pontas da echarpe a bater na mala pendurada nas costas. Ah! enfim! Ia começar a atravessar muitas e muitas ruas... Sem aquela dor aguda, muito aguda mesmo.

CLARINDA

NÃO, não! Mil vezes não... Foi interrompida com a picada da agulha. E aquê bordado que não acabava... Quando lembrava que o teria de entregar pronto à tarde... Estendeu-o à sua frente; quanto ainda por fazer! Suspirou. Pensando bem, mamãe era muito exigente, suas amigas saíam a passear, podiam freqüentar os cinemas — e quantas vezes a convidaram — e ela era obrigada àquela vida. Parou com a mão no ar, examinou as unhas. Nem tivera tempo de pintá-las... E de que adiantava? Dentro em pouco iria lavar a louça do almoço, meter as mãos em água quente, gordurosa, esfregar sapólio nos talheres. Invejou Carmen. Não faz nada em casa. “Também na casa dela tem quatro empregadas”. Que vida boa! e arrebentou a linha com os dentes.

Ameaçava chover. Tomara que assim acontecesse pois não precisava entregar o bordado.

— Não mexa aí menina, vai se queimar...

Era D. Cacilda com a filha, no sobrado vizinho. Aquela menina era levada, não parava quieta. Era um alívio quando estava no colégio... Escutou os passos da mãe e prestou mais atenção ao que fazia. Ela ia reclamar, era sempre assim. Tinha vontade de responder, mas se calava senão perdia o teatro naquela noite. Custara tanto a conseguir “Parecia de propósito... mamãe demorou a consentir!... Já desanimava. E, como irei? Com o vestido branco?”

Ricardo dizia que era quando ficava mais bonita. Pensou em fazer um penteado mas êle só gostava de cabelo sôto. Que amolação, ter de obedecer ao gôsto dos outros... Quase o contrariava. Mas Ricardo se tornava tão enjoado quando se zangava que preferia satisfazê-lo.

— Clarinda, você não vem almoçar?

— Já vou, não é preciso gritar!

Havia de terminar aquêle ramo e não adiantava chamar. A linha não chegou e só faltavam dois pontos... Tudo isto para enervá-la mais ainda.

— Mamãe, diz à Arminda para me ajudar a enxugar a louça.

— Não vou e não vou. Respondeu batendo a porta da rua.

— Arminda, vem até cá. Quando papai chegar...

Parou, ela não poderia ouvir. Corria pela calçada, o vestido curto açoitado pelo vento...

Bateu com o pé no chão de pura raiva e, sem saber porque, veio à lembrança o moleque que outro dia passara pela janela soltando um nome feio. Dolores corou... Foi até engraçada a cara que ela fez... Arminda repetiu o nome à mesa e mamãe deu-lhe um tapa na bôca.

— Bruxa... Bruxa... Ao alcançar a porta do corredor ainda pôs a língua de fora.

Clarinda olhou para a mãe que ficara lívida. "Bem feito, faz tôdas as vontades..."

Reparou no pai, êle nem se mexeu. Tomava a sopa aos goles, apressado e ruidosamente. Nunca acariciava as filhas, sempre metido naquele escritório...

Depois do jantar foi consolar a irmã que soluçava com o rosto enterrado no travesseiro.

— Você gosta de mamãe?

Que pergunta!

— Gosto, respondeu séria, mas sem convicção. Chegou a estranhar a própria voz.

— Pois não devia. Falou chorosa e terminou gritando:

— Ela é má, muito má!

Clarinda quis falar qualquer coisa mas nem sabia o que.

O sono não vinha e ela pensava num meio de não ir à missa no dia seguinte. Também, que necessidade havia em ir à missa todos os domingos... e forçou um bocejo. "Estou com dor de cabeça, meu rosto está quente..." Será que acreditaria? Que o que? Era difícil enganar a mãe. E depois, mamãe obrigaria a estar na cama o dia inteiro. No entanto, não inventasse uma doença não encontraria jeito de ficar deitada até tarde. E como era gostosa a cama de manhã!... Uma preguiça, uma sonolência, o cobertor morno, o travesseiro macio...

— ... São 7 horas!

— Heim?... Está bem.

Mais um pouco e fechava os olhos, uns minutos só e perdia noção das horas.

— Sete e meia, Clarinda, você perde a missa das oito.

Ê, não havia outro remédio. Levantou-se de mau humor. Meteu as chinelas no pé. Nem ia adiantar rezar. E as meias? Não podia ir sem elas.

— Estão aqui. Era a mãe.

— Com estas horrorosas não. Quero aquelas de sêda.

— Então venha você mesma procurá-las.

Quase odiou a mãe. Os olhos se encheram d'água... Ah! Se Arminda perguntasse agora se ela gostava da mãe!...

Não havia muito tempo. Por que não acordara mais cedo! Preguiçosa. Isso mesmo, tinha de fazer tudo correndo. O pente se quebrou. "Mais isto! Mamãe me empresta teu pente... Parece surda, nem responde".

Acabou por se ajeitar com um saco. Melhor, não ia encontrar ninguém conhecido. Pelo menos, ninguém de importância. Os olhos estavam inchados, foi de ler ontem com aquela luz. O relógio começou na sua cantilena, pegou o rosário saindo em correria. Quase tropeçou. Cumprimentou dona Rosalda, velha sirigaita, ela sim é que parecia uma bruxa. Que frio! O rosto devia estar roxo. Dava raiva, com certeza estava com cara de defunto. Apertou os dentes contra os lábios — como haviam dito — para torná-los vermelhos. A rua quase vazia, sentiu uns arrepios no corpo. Lembrou-se de Ricardo. O que pensaria êle? Desejava não ter dito aquelas palavras. Entretanto fôra preciso. Preferível agora... Acordara um dia e dissera: "Tenho que romper com Ricardo". Em seguida estranhou. Achou absurdo. Noivos há tanto tempo. E era preciso. Mas, preciso por que? E pensou: "Tenho que falar a êle". Que atitude tomaria depois? Era o que mais temia.

E se nada falasse? Quis amá-lo. Já se habituara a esta idéia. Tentou em vão imaginar-se livre... As vezes chegava a sorrir — Livre — para que?

Mamãe gostava de Ricardo. "Era um ótimo partido, dizia". Ia ter uma decepção. Arminda era louca por êle. Que pena que não o amava...

— Ricardo, eu... eu... E ficou embaraçada.

— O que há, eu o que? Continue. Falou rindo.

Vermelha, com vontade de chorar. Feito boba ficou olhando para êle. "E se adivinhasse... Seria mais fácil". Mas não, tinha mesmo que falar.

Por fim, tanta coisa, tanto receio... Quem acabou ficando triste foi ela. Examinando-se bem, até com um pouco de despeito. Esperava tudo, menos aquilo. Chegara a pensar numas frases para o consolar. Também era uma lição, só se preocupara consigo.

Se viessem perguntar por que se tornara noiva, não o saberia responder. Muitas vezes fôra êle à sua casa e voltara sem ao menos conseguir vê-la. A mãe ia chamá-la. "Não posso, estou gripada. Olha só o meu nariz..." Sabia que não a convencia, mas se Ricardo esperava que ela fôsse conversar na sala...

— Oh! Que bonito. Todo colorido. Percebeu logo, um livro e a risada de Arminda aumentou.

— Não faz isso, assim machuca Ricardo.

— Deixe estar D. Isau... Não continuou. Arminda tapou-lhe a bôca e soltava gritos. Devia estar sentada no colo dêle.

— Isto também é demais. Vai já para dentro!

Clarinda quase riu alto.

— Veja, entrou com as faces afogueadas e o livro na mão. Foi êle quem trouxe, depois você vai ler para mim, sim? Aqui tem uma figura igual àquela que Dolores me deu. Eu vou mostrar à... Clarinda! gritou ao ver que a irmã não a escutava.

— O que?...

— Aposto como não ouvi o que falei.

— Ora, não amola.

— Bôba!

Já esperava a resposta. Ricardo se despediu. Virou-se na cama, o braço ficou dolorido.

— Apaga a luz.

— P'ra que?

— Apaga logo, senão amanhã não leio história.

Arminda tinha medo do escuro e foi para junto da irmã, abraçou-a com força. Gostava da pequena e sorriu com ternura passando a mão por seus cabelos — Clarinda...

— Psiu!

Mamãe passava pela porta, mas não entrou.

Encostou a cabeça de Arminda ao peito e ficaram quietas olhando a sombra escura que enchia o quarto. Sentiu a irmã pequena, apareceu assim como um dever de protegê-la. E a mesma sensação de desamparo de que se via possuída às vezes, sentiu ali em Arminda. Novamente os olhos úmidos, era só pensar em certas coisas e pronto. Arrependeu-se das zangas que tivera com a irmã. Ela precisava de carinho. Era até boazinha quando se falava com brandura.

— Clarinda, queria vestir o pijama.

— Mais um pouco, meu bem, ainda é cedo.

Era tão bom! Saber que não estava só, que tinha alguém ao lado. Não podia compreender direito, mas a noite tornava as coisas diferentes. Tinha a impressão que as trevas escondiam o que era ruim. Esquecia o mutismo do pai, as queixas da mãe, os mexericos de dona Rosalda...

— Clarinda, de novo, estou com sono.

Desprende-se dos braços da irmã e se vestiu no escuro... A mãe falava no quarto com o papai. Parecia um cochicho. Gostaria de saber o que conversavam, no entanto tinha medo. Por vezes teve a impressão de ouvir seu nome... Não, era somente impressão. Discutiam qualquer outro assunto. E para que se interessar? Que horas seriam? Mamãe aumentou a voz. Justamente quando uma transformação tão agradável tomava conta de si... Vontade de pedir silêncio.

“... não está certo, você deve reclamar”. Não queria ouvir mais nada, por que não esperavam o dia para resolver aquilo?

Um barulho lá fora... Era a chuva! Bem que seu Osvaldo dissera: “Temos chuva dona, e para hoje. Olhe que não era nada mau. O calor está brabo!” E a chuva veio mesmo. Veio forte. Caía com fúria no telhado, abafou a conversa do quarto da mãe. Ela gostou. Escutava um ruído. Alguma goteira? Agora percebia melhor, era a água que escorria pelo cano perto da janela.

Mamãe bateu na porta. — Vocês estão bem? Querem velas?

— Não, não é preciso, já estamos deitadas. Que velas, impressionavam mal. Nem havia necessidade. Se continuasse a chover assim o rio ia transbordar. Lembrou-se das enchen-tes anteriores... A Milce perdeu toda a mobília da varanda, naquele ano foi a pior. Pessoas se atiravam nágua tentando segurar um ou outro objeto. Pobre do Zizi, desapareceu em meio a toda aquela confusão... Um casal de senhores foi surpreendido a dormir, só houve tempo de se salvarem, o resto ficou perdido. “Nós os recolhemos aqui em casa, a senhora chorava muito, dizia palavras sem sentido, depois falava no retrato do filho que estava longe, mamãe quis que ela tomasse um calmante... Andávamos pela casa feito tontos. O que fazer, o que fazer?! Lia-se esta pergunta em todos os rostos, mas ninguém falava, só percebíamos a fala da senhora, envolta num agasalho de mamãe. E a chuva que não cessava, o telefone incomunicável...” “Eu gosto de dormir com chuva, e você? A gente fecha os olhos e o sono vem num instante”. Sentiu-se segura dentro de casa, agasalhada... Ainda bem que ela morava distante. Começou a ventar. Deixaram o portão aberto, chegavam até ela os rangidos quando ia de encontro ao muro. Papai é que vai ficar zangado, podia estragar a pintura... Ele sempre fa-

lava nisso. Alguma coisa se quebrou na cozinha. Arminda tremeu. "Será algum ladrão?"

— Qual o que, tolinha! Trata de dormir.

A cortina balançava trazendo frio e ela enrolou-se mais nos cobertores. Esquecera o vestido no quintal, vai ficar todo molhado. Devia ter fechado a janela... Por que não accitara as velas? Levantar no escuro sòzinha... Continuou em baixo das cobertas; deixa ventar. Pode chover, faz muito barulho, o vento parece que sabe cantar... Levou um susto com a porta do banheiro que bateu com estrondo. Alguém estava de pé. Os passos eram do pai. Experimentou dizer qualquer coisa alto. O pai voltava para o quarto. Quase o chamou, queria perguntar se tinha sono. Que bobagem!... Amanhã ia ao dentista, aquêle que falava muito, metido a engraçado. Quando saiu a última vez do consultório encontrou a Clotilde, emagrecera!... Perto a respiração de Arminda, com certeza sonhava. Por que ela não conseguia fechar os olhos e sonhar também? "Ricardo, vem para junto de mim". É mentira, ela não gosta dêle. Vem sono, vem... Acompanhou o ritmo dos pingos d'água que rolavam pelo cano. Pluf... Pluf... Pluf... "Eu preciso dormir..." ...? O relógio da sala parecia longe, uma hora? "Eu preciso dormir". Senão amanhecia com umas olheiras, tinha até medo de se olhar no espelho. Contar era tempo perdido, outra noite chegara a 500 e nada! A irmã ressonava, com os braços jogados ao longo do corpo, a cabeça inclinada para um lado... Roçou o braço nela, que se mexeu, mudou de posição e continuou a dormir. "Arminda, o que é que você sonha? Arminda espera por mim!..."

O TELEFONE

TINHA que ser naquele dia, era verdade, não podia passar daquele dia. Senão... Sempre a mesma história. E contou distraidamente as folhinhas verdes do bordado da mãe. A mãe e a toalha do dia, a mãe com o dedal branco num vai e vem, fazendo um barulhinho gozado. Depois os óculos levantados e uns olhos apertados que desceram pela blusa de Clara. Desta vez ia ser o que, heim? A blusa, com tôda a certeza. Mangas curtas. Curtas demais e um decote... Meu Deus, que não tinha mais por onde. Clara era assim: só fazia o que queria. É a época, hoje em dia e... O eterno suspiro. "Anda mamãe, chega de blusa. Não percebe que isto enjoa". Daqui a pouco ia reclamar o sinalzinho que tinha perto da boca. Não sabia então que falava em Laura, que pensava em Laura? Mas mamãe não compreendia nada disto. Nem fazia questão de compreender. Não sabia mesmo quem era Laura. Que ela sentia necessidade de Laura. Como a criança prêsa em casa deseja liberdade de um quintal enorme. Correr ao vento! ó, sim, era bem a guria namorando os balanços da praça.

Sim, havia de ser naquele dia. Estava sufocada no ar parado da sala. Da sala cheia de sombras na parede e nos móveis. Ó, aquilo talvez se parecesse ao convento de tia Marta. Só que faltavam os sinos e os santos substituindo quadros com paisagens e homens pensativos. Ah, é mesmo, esquecera o rádio. O rádio ligado para a novela. Meu Deus, que fariam novelas em conventos? Bem, mas com esta his-

tória de conventos... E o telefone, o telefone! E era nêde que pensava, queria pensar. Podia telefonar sem dizer nada. No entanto tinha medo. Sem avisar a ninguém, sem alguém perto para ajudar... Ajudar?! Não saberia responder de que ajuda necessitava. Mas qualquer coisa se preparava para dizer outra qualquer coisa desagradável. Estava tão agitada em meio a tanta quietude. O rosto devia estar mais pálido até. Tão pálido como na tarde em que encontrara Laura. Muito alta, muito gorda no "peignoir" de flanela. Preparando o calmante perto da pia. A pia branca com sabonete e pasta de dente. Depois... O rosto brilhando, o cabelo de papelote e a perna cabeluda. Correndo para a gavetinha com as chinelas vermelhas. E ela sentia frio e a mão áspera da outra no queixo. Os dentes marcavam um compasso acelerado no copo. "Porque Laura não usa gilete, tão fácil..." Meu Deus, não era bem isso que ia pensar. Não, não era. Devia ser outra coisa. A amiga tão meiga, de rosto sempre brilhando. As vezes ficavam deitadas, os pés nus... Conversavam à-tôa, rindo sem saber porque. Ou então quietas, como adormecidas, olhando livros jogados na cadeira, frutas na mesa, a janelinha alta mostrando o gato cinzento... E haviam terminado os passeios — adeus passeios, nunca mais o jardim mal cuidado, com plantas em desordem, a grama suja. Braços dados, cartazes do cinema em frente, "Aventuras de dois cavaleiros". E a vitrola do botequim espalhava um tango, enquanto a loura sacudindo a cabeleira vermelha pelas costas, gesticulava, zangada como o diabo. A farmácia muito nova, muito limpa, com o rapaz de avental branco cochilando na cadeira.

Mas, ela conhecera — realmente — Laura no dia de carnaval. No carnaval do cinema. Era tanto cheiro de suor misturado ao álcool e lança-perfume. E pretos e brancos requebrando os quadris enfeitados de penas e cetins. Rapazes com quêpis coloridos e senhoras sentadas com o colo repleto de capotes e reco-recos. De repente o gritinho de

Laura (mas vê se não dá vontade de mandar um desafôro)... E apertou os olhos num gesto tão cômico, tão íntimo! A negra com uma pasta de suor a escorrer pelo rosto, arreganhou o beijo muito vermelho. Mas elas estavam tão alegres... Alegres como alguém que descobre algo de muito querido e esperado. E naquela barulheira, sem ninguém saber. Nem as máscaras que riram, dançavam na parede e recolhiam serpentina. Daqui a bocado talvez se despencassem na confusão de gritos e côres. Tudo afundado em suor. E um velho com uma garrafa na mão — tão barrigudo! — perseguiu a garôta de flôres no cabelo. Elas estavam sôzinhas no quadrado abafado, no amontoado de gente espremida, que soltava berros e esticava os braços como se quisesse subir pelo teto. Seria mesmo interessante vê-los pendurados a balançar como as lâmpadas de papel colorido. As duas sôzinhas com um segredo. Podia saber qual? Era algo de tão bom a se expandir, de tão bom...

“ — Mas como dá gente!... Veja, Clarinha, a velha de havaiana dando o braço para a mulatinha do 72... Que roupa! Meu Deus, aquilo é mesmo fantasia? Responda Clarinha”. E Laura ria a não poder. Rindo e sempre perto, passando a mão no ombro dela. Como se ela fôsse a irmãzinha — a caçula — que há muito não via. Ela poderia imaginar que a amiga preferisse ficar sempre perto dela? Tivera uns cuidados, umas atenções. Sim, agora tinha — isto, de verdade — alguém ao lado. E se não fôsse tanta gente... Ah, bem que seria capaz de contar uma porção de coisas. E a outra ia ouvir e tudo se tornaria tão simples, tão maravilhoso. Não precisaria guardar as coisas tôdas e sentir que elas pesavam tanto, tanto. Não era mais — exatamente, a “guria namorando os balanços da praça”.

Mas, Laura, onde estava agora? Na varanda estreita com cadeiras verdes? Ou no quarto pequeno de torneira enguiçada fazendo o “Plim, Plim” na pia? Laura de rosto bri-

lhando, com pneumonia. Pedindo para ela pentear o cabelo. E agora, agora! Agora, olhava a mãe bordando e ouvia o "speaker" bancar o engraçado. (Ai, ir embora nas carroças da rua, correr atrás de motocicletas...). E Laura podia ter piorado, podia até... Não, isto também não. Passou nervosamente a mão pelos cabelos, jogou-os para trás. O pensamento devia ir com eles. Mas Laura podia estar mal. Sem poder escrever, sem poder falar ao telefone e... Isto sim, era o pior. "Mamãe, você não compreende que isto é horrível?" Mais horrível que ter perdido o broche de brilhantes que papai dera? Mas mamãe não via as coisas assim. Puxava a linha verde e descansava os pés inchados na almofada da banquetta.

E mamãe lá ficou, de cabeça inclinada e o rôlo de cabelo meio branco com um grampinho se soltando. Nem sabia o quanto a telefonista fôra delicada ao dizer: "Um momento". E, muito rápido, se mirou no espelho e lá ficaram dois olhos muito abertos, com um brilho estranho querendo "ouvir", querendo... Sim, Laura. Enfim. Exato e uma sensação esquisita, mas não iam notar nada. Hein? Quem atendera? Oh, logo naquele instante o relógio cismara..." Ah, dona Zélia?" A voz vinha de tão longe. Ia bem, sem novidade. Quanto tempo, pois não era? E dona Zélia aumentou, foi se chegando. Mas que pena ela não se ter lebrado de telefonar mais cedo. Um pouquinho mais cedo que fôsse. Laura estivera lá. Tão gorda, muito mais gorda. "Ela" nem podia calcular". Vai para casa hoje. Está contentíssima! Ah, o Henrique falava..."

E o espelho grande surgiu de novo, lembrando a Clara que ela ainda não se penteara. "Contentíssima". E ela se viu tão murcha como a flor esquecida na janela. "Contentíssima". Sim, era natural, perfeitamente natural. Laura ia para casa e estava contentíssima. Alguém poderia dizer o que havia de mais nisto? Sim, "ela não ia se esquecer. Estava

mesmo para fazer uma visita". "Por que não vem? Por que? Havia um motivo, é verdade, mas agora não tinha mais importância, por enquanto..."

Laura se tornara o vulto do tapete, escondendo-se em sombra. Ia embora derrubando fôlhas amarelecidas. Levando os últimos vestígios de uma realidade passada. Ia ser de agora em diante, tudo igual. Nada mais tão ligado ao presente. O passado não iria mais assustá-la. Nunca mais. Haveria de pensar nisto muitas vêzes. Mas, à noite quando fôsse se deitar, com o escuro a separá-la de todo o resto, Laura ia aparecer lembrando tanta coisa. Oh, como ela tem medo da noite. O que não daria para ser indiferente àquela vez. Ficar olhando — simplesmente olhando — a varanda de trepadeiras, o rio azulado, as nuvens côr de fogo que se formavam perto das montanhas escuras... E o vento, os ônibus na ponte de madeira...

Mas Laura havia partido sem dizer nada. Uma palavra só. Um adeus curto e seria tanto! E ainda há bocado, sentada no sofá perto da mãe... Virou-se na porta aberta. Em que pensava a mãe tão calma? Sabia o que Clara sentia? Não prestava atenção sequer à cortina querendo fugir, voar? Ora, que importa! Que diferença poderia fazer... Se lá fora continuava o rio azulado e o vento se misturava às cigarras e aos ruídos da serraria muito longe. Ramos que se agitavam ruidosamente e soltavam fôlhas no chão sêco. Enquanto a mãe de faces coradas, com o robe florido, tão tranquila, tão independente... E Clara sentiu, de repente, no gesto maquinal da agulha, no silêncio da mãe, no cheiro da tarde, que havia tanta coisa, que tinha tanta coisa, que Laura... Então, era mesmo possível? Sim, aquêlê pensamento surgira não sei como. Mas, Laura não "levava nada", absolutamente nada...

PASSEIO E FUGA

S AÍÀ às vèzes assim, sòzinha, sem razão talvez para isto. Com certeza à procura de alguma coisa, mas quem poderia dizer o que? E pisava pedrinhas que estalavam, estalavam.

Tinha então a impressão de estar atravessando um enorme pátio deserto e desconhecido. Entre filas de globos no alto dos postes muito iguais e que se dispunham tal qual um gradeado em tórno do circo vazio àquela hora. Luzes acesas faiscando, comprimidas entre a névoa pareciam prontas a sumir de um momento para o outro. Mas esperavam, esperavam. Oh, uns séres faiscantes, imóveis, vigilantes, guardando algo de precioso.

E quem iria sentar-se ainda nos bancos vermelhos mergulhados entre luzes e névoa? Os bancos alinhados ao longo da calçada, isolados e melancólicos. Três feixes de luz, compridos, densos, desciam das janelinhas do edificio, trespassavam a névoa e estremeciam felizes nas fôlhas do arbusto. Arbusto seguindo em fila atrás dos outros, cortados e pintados de branco. Um gato cinzento passou pelo foco de luz e no seu corpo deslizaram as três tiras amareladas que tornaram ondulando, macias e frias para as fôlhas brilhantes, molhadas. Olhou umas plantinhas vergadas com o vento; lá num canto estava um jarro de barro que já não tinha nem flor nem nada. Êle, talvez só êle soubesse porque se encontrava tão só. Oh, por que as flôres não são eternas como a terra

cá embaixo e as nuvens no céu? Mas as nuvens estavam sempre a passar, a passar... Por que esta despedida? Este adeus triste de gente morta, de gente que vai morrer, que vai se enterrar nas sombras?

Distância das pessoas, das coisas, como os eucaliptos escuros, muito longe. Pareciam guardar uma noite maior — mais pesada — que aquela que cobria tudo ali. Que vida existiria naquele negrume? Tudo ali esperaria a morte também? Quem se aproximava de entre tufos e ramagens? Passos leves, lentos como daquele gato passando pelo foco de luz. Duas sombras cresceram no chão, fantásticas, ameaçadoras. Sombras arrastando uns corpos. Dois corpos jovens, rostos sorridentes arrancados do mistério, pisando atrás das sombras que principiavam a se afastar no chão como quem deixa o caminho livre.

O que seria que ela falava ao rapaz de blusão? Por certo, não pensariam em mortes. Ah, isto não. O rapaz era tão despreocupado e vermelho, não deveria abrigar em absoluto tragédias dentro de si.

E a aba do seu blusão levantando com o vento mais forte, roçava o braço da moça que soltava um grito e largava a mão do rapaz. As duas sombras se esticavam no chão, escoregavam nas pedras em tentativas de fuga. A liberdade de sombras quem poderá concedê-la? E o casal foi sumir lá no portão do edifício.

Risos claros ainda bailavam no ar — claros e envolventes em escalas subindo e descendo — durante um certo tempo e na terra molhada e na grama amassada marcas de pés dos que já foram embora e talvez nunca mais voltem. E ela a passear, num passeio frio, silencioso, muito só. Não teria mesmo a impressão de alguém ao lado? Alguém saindo dos seus sonhos noturnos, caminhando a seu lado. E exatamente como o casal de risos claros, envolvente, percorria todo o jar-

dim de agapantos e tão integrados um no outro como se tudo o mais, pessoas e coisas não passassem de acessórios perfeitamente dispensáveis.

Alguém ao lado que surgia de uma moita, de uma sombra. Simplesmente sem falar coisa alguma, sem um gesto, punham-se a andar, a andar sem destino. E tudo aquilo em volta caía naquela contemplação respeitosa que parece tomar conta de tôdas as coisas diante de certos sentimentos, de certos sofrimentos.

Caminho estreito de agapantos dentro de um círculo amarelado, fosforescente. E lá embaixo o rio trêmulo, brilhante que fugia entre pedras. O rio para onde desciam gaivotas que rodopiavam seguindo imagens de gaivotas na água de espumas e ondas leves, transparentes, geladas, carícias de água fazendo-se e desfazendo-se com um ruído sempre igual, sempre cantante.

Mas por que agora o rio passeia triste e sozinho? Porque meninos não se atiravam a êle procurando peixinhos, nadando atrás de bolas coloridas que iam deslizando numa fuga sem destino, sem queixa, sem despedida. Alguma coisa passando, simplesmente passando sempre. Um dia Toy entrara n'água e fôra afundando, sumindo. Água cobrindo o corpo, rodeando a cabeça de Toy. Só a cabeça de fora, muito pequenina, sendo arrastada para o fundo. E pronto, os pés de bananeira com suas fôlhas largas faziam sombras no rio e o tornavam tão escuro e misterioso como um túmulo a receber alguém. E ela ficava a olhar, a olhar para o fundo escuro. Oh, por que rios não falam, guardam segredos?

E ela avançou por entre o capim fôfo e molhado. Sentou-se na pedra grande. Quando o rio crescesse iria cobri-la inteiramente, molhando os cogumelos que cresciam e se agarravam despreocupados à sua volta.

E ouvia o barulho, murmúrios de rio que ninguém entende, sentia o cheiro brincando e seguia com êle, penetrava nas suas sombras, procurava, esquecia... E via o rio indiferente a ela, deixando-a em tardes inteiras — sem chorar, sem falar, sem nada — a esperar a esperar.

ÍNDICE

	Págs.
O parque de diversões	3
A fogueira	11
Chuva	19
O seu dia de aula	27
Clarinda	37
O telefone	47
Passeio e fuga	55

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL — 1955